

## **[Transcript] Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer / Os Livros da Semana: natureza sagrada, ilustração portuguesa e um enquadramento de Boaventura**

Assim, chegamos aos livros e eu trago esta semana um ensaio sobre o modo como evoluiu a relação entre a cultura humana e a natureza, e as consequências dessa transformação, até do ponto de vista ecológico.

Desde tempos imoriais a humanidade considerou a natureza uma entidade sagrada, e o título deste livro, Natureza Sagrada, a autor é uma famosa investigadora da história das religiões, Karen Armstrong, que tem aliás uma história pessoal curiosa, na juventude foi durante uns anos freira católica, abandonou o catolicismo, mas não perdeu o interesse pelo fenómeno religioso, tem de resto uma longa bibliografia a esse respeito.

Neste livro, analisa o modo como a humanidade foi perdendo progressivamente o vínculo à natureza, a partir, sobretudo, da transição do politeísmo para o monoteísmo.

No fundo, os seres humanos deixaram de ver Deus em cada árvore, em cada pedra, em cada riacho, e essa perda do carácter sagrado da natureza, explica Karen Armstrong, é isso que explica porque é que a luta em defesa do meio ambiente, sendo algo hoje superficial e utilitário, está a ter poucos resultados.

Um livro fascinante, Natureza Sagrada, recuperar o nosso vínculo com o mundo natural, é o subtítulo de Karen Armstrong, edição, temas e debates.

O João Miguel Tavares propõe uma vez mais ilustração portuguesa.

Sim, exatamente.

Eu já tinha trazido aqui um livro do António Jorge Gonçalves de outra vez, e este chama-se a sua nova obra, saiu pelo Orpheoneiro, chamada Welcome to Paradise, e como se vê, não tem uma única palavrinha e ao mesmo tempo distante sobre aquilo que é o Portugal de 2023 e não só o Portugal, mas sobretudo a Lisboa, porque este é um retrato da Lisboa turística, portanto são as filas, as trotinetes, os tucuques, as festas, os santos populares, as proceções, os artistas de rua, as selfies e também, senhores de meia idade, a olharem para turistas boas onas, e é tudo feito com um olhar super perspicaz e também com um grande sentido de humor, é um grande, grande retrato daquilo que é a Lisboa turística da atualidade.

Muito bem.

O Pedro Mexia traz um livro múltiplo, digamos, que tem no título uma palavra que caiu um bocadinho em desuso, Florilégio.

Sim, Florilégio, que era fundo de uma antologia, e de facto é uma antologia de poemas comentados, poemas de poetas muito diferentes, o Alberto Pimento, o Rambôdo, o Reimão de Cárvore o Bernardo em Ribeiro, comentados sobretudo por académicos e poetas, é um livro organizado pela Maria Securamente, Joana Mere e o Nuno Amado, que vem de um blog, de um site, que chama Jogos Florais, e que tem esta, são comentários muito curtos, e que tem esta ideia de que não há a maneira como se, como abordar a poesia, é que não há uma maneira certa de ler.

Há perguntas que nós fazemos, há hipóteses que nós pomos, e há um sentido que nunca é definitivo, e portanto, são simplesmente pessoas qualificadas, é certo, apresentarem a sua leitura de um determinado poema, com a noção de que estão a dar um contributo que é, ao mesmo tempo, pessoal e provisório.

O Ricardo Araus Pereira recupera um livro que ganhou esta semana uma nova atualidade.

Sim, eu acho que valeu a pena relever, nesta semana é um livro que se chama O Floriverso

**[Transcript] Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer / Os Livros da Semana: natureza sagrada, ilustração portuguesa e um enquadramento de Boaventura**

dos Direitos Humanos, A Diversidade das Lutas pela Dignidade, organizada por Boa Ventura Sousa Sante e Brunocena Martins, precisamente, a tese central do livro é a seguinte, os direitos humanos convencionais, tal como nós os conhecemos, foram concebidos no norte e no ocidente, e portanto, essa, digamos, essa origem monocultural e ocidental faz com que esses direitos humanos, tendo sido moldados pelo capitalismo, unilismo e pelo patriarcado, deixem de fora sofrimento humano e injusto que, para estes direitos humanos convencionais, não contam com violação dos direitos humanos, e só as epistemologias do sul, nas cidades das lutas daqueles que têm resistido às opções do capitalismo e do patriarcado, é que contribuem para uma nova concessão mais justa dos direitos humanos.

Para isso, diz o livro, é fundamental ouvir as vozes do sul e, bem, por exemplo, do Brasil, da Argentina, ouvir todas essas vozes e manter presente que, às vezes, o discurso de defesa dos direitos humanos coexiste com uma prática de violação dos direitos humanos, e isso é uma alerta que eu também acho importante sobre o livro, porque Há que abolir, diz o livro, a linha avissal que cria este fosso intransponível entre o norte e o sul global, e nessa medida este livro acaba por dialogar com o pensamento contido, num daqueles grafítos que foram escritos na parede da Universidade Coimbra, que dizia, a linha avissal passa no teu cu.

É assim que se conclui mais uma reunião semanal, de hoje, 8 dias à mesma hora, ou a qualquer hora em podcast Pedro Mexias, ou Miguel Tavares e Ricardo Raus Pereira, para a Semana, já todos aqui em estúdio.